



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Eliza Bezerra de Lima Casanova Cunha

A SOCIEDADE COMO CRIADOR E A SEXUALIDADE COMO CRIATURA: Ocupações
Fetichistas e suas Determinações Culturais

Rio de Janeiro

2024

Eliza Bezerra de Lima Casanova Cunha

A SOCIEDADE COMO CRIADOR E A SEXUALIDADE COMO CRIATURA: Ocupações
Fetichistas e suas Determinações Culturais

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito para
aprovação no Curso Técnico em Gerência em
Saúde.

Orientadora: Gabrielle Paulanti

Rio de Janeiro

2024

Eliza Bezerra de Lima Casanova Cunha

A SOCIEDADE COMO CRIADOR E A SEXUALIDADE COMO CRIATURA: Ocupações
Fetichistas e suas Determinações Culturais

Monografia apresentada como requisito parcial
para aprovação no Curso Técnico em Gerência em
Saúde.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Gabrielle Paulanti de Melo Teixeira
EPSJV/FIOCRUZ

Jonathan Ribeiro Farias de Moura
EPSJV/FIOCRUZ

Talita Rosetti Souza Mendes
FME-Niterói

Rio de Janeiro

2024

*Dedico esse trabalho a
Toda a minha família, sobretudo aos meus pais,
Simone e Aldracir, que tiveram
a sabeoria e a coragem para criar filhas livres;
À minha orientadora, Gabrielle, que acreditou
em mim e solidificou a construção deste trabalho;
Aos fetichistas, especialmente aos da
comunidade BDSM, que tanto me
ensinaram e acolheram.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Gabrielle, pela paciência, companheirismo e oportunidade de ouvir suas ideias e aprender ao seu lado...

Agradeço ao meu pai, Aldracir, o primeiro intelectual que conheci, por ter me posto em seu cangôte para ampliar meus horizontes quando meus olhos não alcançavam...

Agradeço à mamãe Simone, que me fez a filha mais amada do mundo e foi o colo de tantas lágrimas e tantas sorrisos, sendo impulso e pulsão em mim...

Agradeço imensamente a minha família, em especial minhas madrinhas, Cecília e Regina, e meu padrinho Alexandre, que se orgulharam e confiaram em mim desde o primeiro dia...

E a toda a turma de 4º Gerência, sobretudo Anna Clara e Rayana, a quem devo parte enorme de meu desenvolvimento estudantil.

*“Lernen, lernen und
nochmals lernen.”
(Wladimir I. Lenin)*

RESUMO

O presente trabalho tem como centralidade a comunidade fetichista representada pelo acrônimo *BDSM* (*Bondage & Disciplina; Dominação & Submissão; Sadismo & Masoquismo*), as relações sociais de poder, seus dispositivos e bases hierárquicas. Essas práticas sociais são reinterpretadas e integradas ao estilo de vida *BDSM*, com representações consensuais de assimetrias de poder que buscam a intensificação do prazer a partir da fuga à normalidade, em que os não-praticantes são caracterizados pelos adeptos do *BDSM* como *Vanilla* ou, em português, *Baunilha*. Busca-se, inicialmente, elucidar o significado da palavra “fetiche”, tanto da perspectiva etimológica, ligada ao sentido de “feitiço”, como na concepção de fetiche da mercadoria de Marx, a fim de demonstrar significações potencialmente antagônicas. Além disso, propõe-se a apresentação do *BDSM* evitando um olhar estereotipado e de julgamento moral, mas assumindo a preocupação em contextualizá-lo enquanto uma concepção de emancipação erótica, sexual e de liberdade de gênero, assim como de fuga à patologização. Para tanto, é importante demonstrar as condições sociais nas quais surgem os primeiros conceitos de fetichismo e, mais tarde, os de *BDSM*, construindo, deste modo, uma ponte entre os mecanismos sociológicos de poder e hierarquia, situando onde, como e com que função o *BDSM* se estrutura.

Palavras-chave: *BDSM*; Fetichismo; Poder; Sexualidade; Sociedade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	4
3. METODOLOGIA	5
4. CAPÍTULO 1	6
4.1 CAPÍTULO 1.2	11
5. CAPÍTULO 2	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
7. REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

BDSM é um acrônimo dividido em pares, os quais, respectivamente, denominam-se: *Bondage & Disciplina*; *Dominação & Submissão*, este podendo ser caracterizado também como DS ou D/s; e *Sadismo & Masoquismo*, ou *SM* (SHAKTI, p. 20-21). O acrônimo nomeia uma subcomunidade inserida no fetichismo e tem o intuito de reunir práticas eróticas e sexuais realizadas consensualmente entre adultos, baseadas nas assimetrias eróticas de poder, elaborando um cenário de hierarquia em que o prazer surge a partir da dominação de uns e submissão de outros (SILVA, p. 2). Suas práticas são conduzidas pelo princípio intitulado por seus adeptos de SSC: São, Seguro e Consensual.

Apesar das representações midiáticas fortemente ligadas à heterossexualidade e ao suposto vínculo entre masculinidade e dominação, não há, no *BDSM*, uma homogeneidade entre os papéis de gênero ou sexualidade: "Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão, bem como não há uma exigência de que essas posições sejam estipuladas a partir da orientação sexual." (GREGORI, p. 164).

Na metade do século XX, nos Estados Unidos, num contexto fortemente influenciado pela Segunda Guerra Mundial, o *BDSM* surge influenciado pelo "Movimento *Leather*", grupo composto por homens gays adeptos de práticas sexuais dissidentes, (BRAME et al.). Dentre as diversas atividades sexuais não-convencionais que compunham o Movimento *Leather*, estavam o sadomasoquismo e o fetichismo, este inclusive dá nome ao grupo. "*Leather*", cuja tradução significa "couro", é o nome atribuído ao fetiche pelo material, que forma parte da identidade estética e remonta visualmente a gênese deste grupo. As vestimentas pesadas, de referência militar, comumente adornadas por objetos metálicos e de aparência intimidadora representavam, simbolicamente, os sentimentos e conceituações de poder advindos do período de Guerra e, mais que isso, impulsionavam seu efeito na atribuição de sentido de "poder" para os estadunidenses. Era como se, através de tais caracterizações, o poder pudesse ser "revivido" sentimentalmente de forma teatralizada.

Os Leathers adotavam uma estética marcada pelo uso do couro e comungavam de princípios militares e disciplinares oriundos da carreira militar de vários deles, buscando recriar a camaradagem, o risco e a adrenalina experimentada na Segunda Guerra Mundial. (SILVA, p. 3311)

Entretanto, práticas eróticas e sexuais dissidentes foram, na modernidade, forçadas à normatização pública ou relegadas à categoria de doença ou desvio moral. Na Europa, ao fim do século XVIII, a literatura de Sacher-Masoch¹, autor cujo nome é apropriado para designar a “perversão masoquista”, descrita por Krafft-Ebing² em *Psychopathia Sexualis*, gerou choque ao narrar relacionamentos de dominação e submissão, entregando o papel de autoridade à mulher. Nas obras de Masoch, a dominação era majoritariamente exercida pelas mulheres, entretanto, o caráter atribuído ao termo por Krafft-Ebing exerce o sentido contrário:

Interessante o fato de que, quando Krafft-Ebing publica em 1886 a primeira edição de seu compêndio, o sadismo torna-se a forma patológica da tendência masculina à dominação e o masoquismo transforma-se em seu oposto e vai apontar para a tendência patológica de submissão da mulher. A mulher, que era dominadora na obra literária de Sacher-Masoch, torna-se a submissa patológica em um “passe de mágica” (SILVA, p. 3311)

Nos debates em saúde, sobretudo no que diz respeito à psiquiatria, as práticas sadomasoquistas, assim como outras características sexuais não normativas, passaram por um processo de patologização. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais³, abreviado para DSM no inglês, teve sua primeira edição publicada em 1953 pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) e conta com mais de 7 edições e revisões, sendo o DSM-5-TR sua última revisão, publicada em 2022. A 5ª revisão do documento, cujo processo de revista inicia-se em 1999, constitui seus grupos de trabalho somente em 2008, contando com mais de quinhentos pesquisadores. Ao fim da segunda metade do ano de 2011, o relatório da equipe responsável pelos transtornos parafilicos propôs a exclusão do sadomasoquismo e do fetichismo do DSM-V.

¹ Leopold Ritter von Sacher-Masoch (1836 - 1895) foi um nobre, escritor e jornalista austríaco, que ganhou renome com suas histórias românticas da vida na Galícia, e em especial *A Vênus das Peles*, seu livro mais conhecido. (Wikipedia, 2024)

² Richard von Krafft-Ebing (1840–1902) foi um psiquiatra alemão, professor de psiquiatria na Universidade de Estrasburgo. Foi pioneiro na introdução dos conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual humano, em sua obra *Psychopathia Sexualis*, publicada em 1886. (Wikipedia, 2022)

³ O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) ou *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (título no Brasil) é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association* - APA). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores bem como por companhias de seguro, indústria farmacêutica e parlamentos políticos. (Wikipedia, 2024)

Em sua conclusão, justifica-se que sadomasoquistas não apresentam mais psicopatologias clínicas do que a população em geral, com a explicação de que “sadomasoquismo e violência sexualizada são dois fenômenos diferentes.” (tradução própria, REIERSOL; SKEID, 2011, p. 25). O grupo desenvolveu outros diversos argumentos que buscam despatologizar o *BDSM*. Um desses argumentos demonstra que comportamentos semelhantes podem ser observados também no mundo animal, como em 24 espécies de mamíferos e aves. Outra justificativa exposta foi a desvinculação de tais interesses parafilicos com traumas sofridos na infância, revelando que as porcentagens de punições corporais e abuso sexual sofridos na infância por fetichistas e sadomasoquistas são as mesmas em relação ao resto da população. Mesmo que as atividades de pesquisa indicassem a retirada das duas categorias do DSM-V, a Associação Psiquiátrica Americana optou por mantê-las enquanto transtornos parafilicos no manual.

Na contemporaneidade, o *BDSM* tem forte presença no ambiente virtual. Um dos sites voltados à comunidade, o *FetLife*, conta, atualmente, com mais de 11 milhões de membros e se descreve como “uma rede social para a comunidade *BDSM*, fetichista e *kinky*, como o Facebook, mas liderada por *kinksters* como eu e você” (tradução própria). Além disso, os *blogs* voltados ao tema integram e popularizam muitos conhecimentos sobre diversas práticas entre os praticantes, sendo parte importante de seu comportamento no cyber-espço os textos em modelo de manual. Entretanto, as ocupações do *BDSM* não estão restritas ao mundo virtual. A cidade brasileira mais rica em festas deste nicho é São Paulo, aparentemente por suas características cosmopolitas. No Brasil, a partir de Leite Júnior, a década de 1980 marca a chegada dos primeiros clubes sadomasoquistas. Os vínculos com o couro, a borracha, o vinil e o látex, tiveram seu valor mantido no *BDSM* ao longo dos anos, sendo parte da identidade visual e fetichista da comunidade, o que também se associa às referências estéticas e culturais do movimento *punk*, iniciado na Europa na década de 1970.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Busca-se contextualizar as práticas e o estilo de vida *BDSM*, tendo em vista as relações sociais de poder e como as hierarquias e a erotização destas se revela no ambiente dos fetiches incorporados neste subgrupo.

Objetivos Específicos:

- Compreender com maior profundidade o *BDSM* como uma das práticas sociais em que imposições, hierarquias, normas e aparelhos de reprodução do poder se estabelecem na sociedade.
- Analisar o fetichismo historicamente e suas representações de poder em diferentes contextos, relacionadas com as estruturas patriarcais, étnico-raciais e de classe.
- Problematizar o estigma que rodeia as sexualidades dissidentes, estas que formam o fetichismo e a comunidade *BDSM*, evidenciando, a partir dos debates em saúde, sua legitimidade.

3. METODOLOGIA

Busca-se, com este trabalho, compreender com maior profundidade as relações sociais de poder e suas diferentes representações ao longo dos últimos dois séculos, analisando seus reflexos na comunidade fetichista, especialmente no *BDSM*, sobretudo no Ocidente. O estudo terá caráter qualitativo e utilizará como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico, por meio da busca nas bases de dados Lilacs, SciELO e Google Acadêmico, tendo como referência os seguintes descritores: “**BDSM**”; “**Fetichismo**”; “**Poder**” e “**Sexualidade**”.

A pesquisa será desenvolvida mediante o referencial teórico composto, principalmente, pelas obras: “Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade” (GREGORI, 2016); “Microfísica do poder” (FOUCAULT, 1979); “A história da sexualidade I” (FOUCAULT, 2012); e “A origem da família, da propriedade privada e do estado” (ENGELS, 1984).

Entende-se que, a partir deste referencial teórico, seja possível identificar as características normativas da sociedade e suas reinterpretações na comunidade fetichista e no *BDSM*, construindo uma ponte entre os mecanismos sociológicos de poder e hierarquia. Dessa forma, situar-se-ão as formas de experiência do *BDSM* e como se estruturam, revelando, portanto, que “as hierarquias, normas e proibições formam o repertório do erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão.” (GREGORI, 2016, p. 24). Vislumbra-se, juntamente, demonstrar as suas origens contemporâneas no pós-Segunda Guerra Mundial, a partir da comunidade gay e do feminismo lésbico estadunidense.

Do ponto de vista etimológico, o Dicionário de Fetiches e *BDSM*, de Agni Shakti, subsidiará a elaboração do estudo em questão.

Para tanto, foi elaborada a seguinte questão orientadora: “*Derivariam, portanto, as práticas sexuais das normas e práticas sociais?*”

4. CAPÍTULO 1

O PODER

No ocidente, o poder, para além de um aparelho do qual beneficia-se o Estado, configura os espaços, as funções e as práticas sociais que os compõem. Partindo do poder e suas classificações, principalmente no ambiente da medicina psiquiátrica e surtindo seus efeitos no direito penal (FOUCAULT, 1979.), o mecanismo da “norma” é uma necessidade; uma qualidade essencial e que deve ser comum a todo componente do corpo social. Perspectivas que contrariam a norma, ocupando as margens deste sistema, estariam suscetíveis aos instrumentos de correção, à disciplina. A força das normas figura, para a sexualidade dissidente, o aparelho condicionante de sua existência subalterna. Os residentes da subalternidade, ou “subalternos”, ocupam as fronteiras entre norma e transgressão. Estando às bordas do sistema normativo, os indivíduos que transitam na dita subalternidade equilibram-se entre os condicionamentos do patriarcado e do capitalismo. O poder, porém, não opera apenas por meio da força proibitiva.

Para Foucault, o poder suscita desejos e constrói linguagem, o que, segundo o autor, qualifica-o como “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.” (FOUCAULT, p. 8). Aqui, a repressão é apenas um adorno do qual veste-se o poder, não seu principal traje. Contudo, a presença do poder repressivo é essencial e indispensável para a existência plena de uma sociedade fundamentada na vigilância, como as sociedades hoje dominantes no ocidente.

As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – exército, polícia, administração local – mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo o corpo social. (FOUCAULT, p. 8)

Não raro, a religiosidade cristã ocupa os espaços de fiscalização, de modo a exercer controle sobre as ideias e os corpos. O erotismo, bem como tantas outras práticas sexuais, sofreria com os moralismos advindos do catolicismo, de modo a constranger sua presença e impedir que fosse

vivido. A estrutura social organizada sob a moral cristã e patriarcal orienta e fiscaliza os corpos e suas práticas a fim de normatizar padrões que reforçam e reproduzem os padrões dominantes. O patriarcado, que, segundo Lerner, classifica-se como uma “manifestação e institucionalização da dominação masculina sobre as mulheres [...]” (LERNER, p. 239) e legisla sobre a sexualidade, restringindo-a às suas normas, neste caso, as da heterossexualidade, da monogamia e da escravidão reprodutiva.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (FOUCAULT, p. 9)

O patriarcado, ao criar a soberania masculina, desenvolve, juntamente, ferramentas, comportamentos, deveres e culturas próprias a fim de assegurar a propriedade privada patriarcal que se vale da escravidão doméstica e sexual e do controle reprodutivo das mulheres. Na vida doméstica, Kollontai desenvolve o conceito da dupla jornada de trabalho, condição a que estão submetidas as mulheres proletárias. A vida social, que também abarca a sexualidade, sofre com o domínio do patriarcado em todas as instâncias, já que este, para Lerner, estende-se até cobri-la inteiramente. A heterossexualidade e a monogamia, fenômenos do patriarcado capitalista, afogam outras possibilidades de experiência da sexualidade, não só feminina, mas surtindo seus efeitos, consequentemente, na sexualidade masculina para fora do que compreende a heterossexualidade. Orientada pelas normas patriarcais e, por sua vez, do colonialismo europeu, atrofia-se a existência das sexualidades dissidentes.

Os habitantes originários da África do Sul não eram heteronormativos, e os gêneros e as sexualidades eram vistas como fluidas e dinâmicas. Portanto, o uso de uma definição linear da sexualidade (presente em “lésbica”) pode excluir as infinitas variedades de caminhos dessa sexualidade. (HOLLANDA, 2020)

A força patriarcal, contando também com o poder cristão, restringe o sexo e a sexualidade à reprodução, que exige apenas um orgasmo masculino para que tenha êxito. Exclui-se, neste contexto, o prazer feminino e outras atividades sexuais não penetrativas. Para a sociedade patriarcal, os filhos e o sexo das mulheres são propriedade masculina: do Pai. O poder patriarcal sobre os corpos, neste caso especificamente sobre a sexualidade, conduz à norma heterossexual,

que se estende a outros esquemas de atração sexual; a homossexualidade, masculina ou feminina, são exemplos.

Criada uma normativa, o “anormal” torna-se aquilo que deve ser evitado, este que pode ser observado, histórica e socialmente, em vários grupos minoritários: os grupos racializados, as pessoas com deficiência, os LGBT’s, os fetichistas, dentre tantos outros, são o antônimo da norma, aqueles a quem se evita. A constituição do poder patriarcal, tão fundamentalmente integrado a sociedade e a cultura, aciona a ideia do poder irrecusável, cuja força é capaz de tolher tudo o que a ele se oponha. Para os gays, a punição violenta da homofobia, prole do sexismo que atribui o valor ao homem e os restos a mulher, e para as lésbicas, a invasão dos corpos, a partir da violência original, neste caso, porém, passando por um processo ainda maior de coisificação:

Ou, melhor dizendo, ao rejeitar a heterossexualidade e, conseqüentemente, sua função reprodutiva no sistema social patriarcal, a lesbiandade denuncia a heteronormatividade como instituição estruturalmente política. (AZEVEDO, et al, 2020)

Bom refletir que, em estudos acerca do fetichismo *BDSM* e as características, não apenas sociais, mas também psicológicas que o rodeiam, sustenta-se que tais práticas não são as reprodutoras da violência, mas vinculam tal particularidade a heterossexualidade: “O argumento inverte o paradigma do risco, imputando o risco, o perigo, o descontrole não no *BDSM*, mas na heterossexualidade.” (SILVA, 2016). O potencial violento que compõe a heterossexualidade estimula a verticalidade nas relações entre homens e mulheres a partir do patriarcado, que, para Millet, qualifica-se como a “principal filosofia da opressão de gênero”. Neste arcabouço cultural predominante, a política sexual intrínseca aos relacionamentos molda uma hierarquia em que a masculinidade heterossexual estabelece as regras de poder e do controle social (MILLET, 1970).

Os processos de patologização, bastante trabalhados por Foucault em “História da loucura na idade clássica”, comungam de um mesmo alvo: os anormais. Nas ciências psi, parece haver certo totalitarismo discursivo quanto ao reconhecimento e, principalmente, aos diagnósticos de transtornos e patologias psiquiátricos. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, do qual deve prover todo diagnóstico clínico referente a psicopatologias no mundo, foi escrito e reescrito por profissionais vinculados a Associação Psiquiátrica Americana. Nos estudos voltados

aos determinantes sociais de saúde, porém, discuti-se sobre a importância do ambiente nos processos saúde-doença:

As circunstâncias nas quais as pessoas nascem, crescem, trabalham, vivem, e envelhecem, e o amplo conjunto de forças e sistemas que moldam as condições da vida cotidiana. Essas forças e sistemas incluem sistemas e políticas econômicas, agendas de desenvolvimento, normas sociais, políticas sociais e sistemas políticos (OMS, 2009).

Nesta lógica, seria necessário um Manual Diagnóstico que abrangesse tais especificidades, a fim de prevenir diagnósticos imprecisos, já que os espaços, físicos, culturais e históricos potencializam de diferentes formas e com forças singulares a depender da perspectiva posta em foco. No entanto, a centralização de tais discursos, estudos e bibliografias nos Estados Unidos não apenas reduz sua eficiência em outros países, como também evidencia que a anormalidade está sendo ditada de forma imprudente quando avaliada a importância dos determinantes sociais de saúde para a compreensão ampla dos processos de saúde-doença. Tal característica se fundamenta na Europa, um século antes. Krafft-Ebbing, autor de *Psychopathia Sexualis*, publicada no século XIX, foi determinante nos estudos referentes a psicanálise e a sexualidade humana, sendo imprescindível para as posteriores literaturas neste campo. No período de sua publicação, a Europa se via passar por um movimento histórico-cultural marcado pela instituição do olhar e autoridade médicas como centrais para o pensamento das psicopatologias (PAREIRA, 2009), de modo a reforçar ideias que imputam no médico o domínio total do reconhecimento dos processos saúde-doença. Os “desvios” descritos por Krafft-Ebbing em seu material, sobretudo o masoquismo e o sadismo, seguem caminhos cujos nomes não sugeririam, como abordado por Silva:

Interessante o fato de que, quando Krafft-Ebing publica em 1886 a primeira edição de seu compêndio, o sadismo torna-se a forma patológica da tendência masculina à dominação e o masoquismo transforma-se em seu oposto e vai apontar para a tendência patológica de submissão da mulher. A mulher, que era dominadora na obra literária de Sacher-Masoch, torna-se a submissa patológica em um “passe de mágica” (SILVA, p. 3311).

Percebe-se que, a partir da apropriação médica sofrida pelas então chamadas “perversões sexuais”, repete-se a regra patriarcal do homem dominador e da mulher submissa. Silva ainda

aponta que força era imposta a tais perversões, que, á época, pensavam revelar características, inclusive, de desvios de gênero. Homens masoquistas eram tidos como afeminados, gerando um quadro de importância e, conseqüentemente, intervenção, motivados pelas morais patriarcais e cristãs:

Com isso, esses casos acabaram por se tornar clinicamente mais importantes que o sadismo, pois transgrediam a regra de que é o homem naturalmente quem domina a mulher e parecia, na época, haver um número enorme de masoquistas, principalmente nas grandes cidades. (SILVA, 2016)

Entende-se assim que o poder age por diferentes veículos e com forças heterogêneas, atingindo as sexualidades, normativas ou não, também com a repressão e a vigilância, mas não apenas através destas. As categorizações vistas nos debates em saúde, neste caso no campo das ciências psi, demonstram que a norma, quando recusada, indica a patologização; a alocação dos indivíduos numa outra categoria: inferiorizada, temida e cerceada. O mesmo se vê acontecer com as sexualidades quando expostas ao poder cristão e patriarcal. O domínio sobre as ideias e os corpos condiciona e ordena hierarquias e marcas de poder que resultam nas normas e, para além delas, movimentam culturalmente os espaços sociais, demonstrando o papel do poder na construção da cultura e da linguagem para além das repressões explícitas. A centralização da posse sobre os discursos revela que o poder esteve e estará vinculado também as ideias, instituindo hierarquizações marcadas pela presença do saber num espaço e sua ausência noutro.

4.1 CAPÍTULO 1.2

O FETICHISMO

O fetichismo da mercadoria, conceito trabalhado por Marx no *Capital*, publicado em 1867, apresenta uma perspectiva crítica no ambiente da economia política ao dissecar a relação do capitalismo com os bens; neste caso, as mercadorias. Para Marx, “a mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie.” (MARX, p. 157). O autor apresenta estudos acerca do valor, utilitário e ideológico das mercadorias, qualificando seu caráter transitório e sua participatividade nas relações interpessoais, atribuindo o termo “fetichismo” ao fenômeno social e psicológico do valor e da prática econômica vivida no capitalismo. Opondo-se a teoria marxista, o fetiche comunicado em África e incorporado enquanto prática na sexualidade evocam um outro sentido: o de atribuição de valor (FERREIRA, *in* Ferraz, 2006). Enquanto Marx categoriza o fetichismo como o fenômeno do valor sequestrado, da invisibilização do trabalho produtor de uma mercadoria, o fetichismo posto em diálogo pelos comerciantes em Angola anuncia a magia dos feitiços. A semelhança entre as palavras não é gratuita, uma vez que, ao atribuir valor simbólico aos objetos, aproxima-se de uma característica semelhante ao comportamento observado na sexualidade fetichista. Importante salientar a relevância dos estudos acerca da linguagem e como esta coloca e realoca ao passar dos momentos históricos, políticos e geográficos que a condiciona.

Seu surgimento, datado no século XV, primeiramente por falantes da língua portuguesa ao reproduzir a ideia de reversão, levando pouco tempo para que fosse tida como inferior nas hierarquias linguísticas, tendo fama de desprezível (FERRAZ, 2006). Para Derrida, o que marca a tradução, o fetiche e o feitiço, linguística e conceitualmente, opera através da fixação e do deslocamento, e é nesta encruzilhada que encontram-se os plurais fetiches e fetichismos: o de Marx, o da Costa da Guiné e o erótico. Apesar de compreenderem finalidades discursivas em muito distintas e atuarem culturalmente em diferentes contextos e espaços, o que gera semelhança entre seus múltiplos usos é sua suscetividade a alteridade, como elabora Sansi-Roca:

Segundo ele, o termo português ‘feitiço’ foi utilizado na Costa da Mina para referir-se à magia que opera por meio da fixação, ao passo que o termo

mandinga, da Costa Ocidental africana, era utilizado em Portugal para significar algo muito próximo da ideia de feitiço. (DULLEY, p. 42)

O fetichismo, quando incorporado aos estudos da sexualidade na medicina psiquiátrica e na psicanálise, durante o século XIX, nomeia a perversão sexual. Já no século XX, a literatura freudiana utiliza do termo, também a fim de nomear a perversão, pela primeira vez no artigo *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905). Neste momento, Freud atribui o termo apenas a sexualidade infantil, a qual descreve como perversa-poliforma, imperando nesta a desorganização e as pulsões anárquicas. As teorizações do autor quanto a definição do que é o fetichismo sofreram três grandes alterações ao longo de sua produção científica, sendo a mais recente explicada em seu artigo *Fetichismo* (FREUD, 1927), onde qualifica a perversão como: uma consequência da recusa a castração, a criação de um fetiche como substituto do pênis materno e a clivagem do ego como mecanismo de defesa, isso ainda na infância e surtindo seus efeitos na vida adulta. Dentre tais reflexos, explora-se o vínculo masculino com os pés como uma referência ao pênis materno:

O objeto sexual normal é substituído por outro que conserva alguma relação com id mas é inteiramente inadequada para servir ao objeto sexual normal [...] o que se coloca em lugar do objeto sexual é alguma parte do corpo (tal como o pé ou os cabelos) [...] ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e, de preferência, com a sexualidade dessa pessoa (por ex.: uma peça de vestuário ou roupa íntima). (FREUD, 1905)

Nos estudos referentes a antropologia e a sexualidade, Gregori descreve o fetiche a partir de deslocamentos simbólicos, ideológicos, sentimentais e materiais. A autora explora o mercado de bens eróticos e seus consumidores, propondo discussões acerca da força da economia sobre as mercadorias (incluindo o sexo, como na pornografia), os corpos e a própria sexualidade. Em “Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade”, de 2016, Gregori observa os grupos fetichistas sadomasoquistas da cidade de São Paulo a partir de pesquisas de campo com grupos focais, demonstrando resultados sobre a comunidade, cujas pesquisas são poucas na comunidade científica latino-americana. Para ela,

Os usos desses objetos e as práticas sexuais descritas nos depoimentos mostram como, para além das indicações normativas do mercado, as pessoas

subvertem ou deslocam as fronteiras entre sexo e gênero, corpo e matéria, sujeito e objeto, presença e virtualidade. (GREGORI, 2016)

Dentre os plurais grupos que compõem o fetichismo, destaca-se o movimento *leather*, que se populariza num momento histórico marcado pelo fim a Segunda Guerra, o que determina grande parte de seus costumes enquanto uma sub-cultura. O grupo era composto principalmente por homens gays e ex-militares, que utilizavam não apenas de referências estéticas militares como marcador de seu fetichismo, como também buscavam remontar a disciplina vivenciada na guerra em seu relacionamentos e práticas sexuais (SILVA, 2018). O fetiche pelo couro, material que batiza o grupo, existe de diversas formas: como fetiche pura e simplesmente estético a fim de tornar a aparência humana incomum, bruta, negando a pele e substituindo-a por couro, mas também pelo barulho produzido pelo material quando sofre atrito ou até mesmo seu cheiro. Era comum que os *leathers* praticassem o sadomasoquismo tanto em práticas sexuais como o *fisting*, quanto em práticas que enaltecem as punições físicas, como no *spanking*. Quando incorporadas práticas que utilizam de assimetrias de poder, aí está o *BDSM*.

Deste modo, entende-se que as finalidades discursivas que envolvem o feitiço, o fetiche o fetichismo sofrem alterações a depender do território e da época, criando diferentes significados e significações ao passo que a língua torna a ocupar outros espaços, sejam estes ideológicos ou territoriais. O fetichismo pensado por Marx detém-se ao estudos da economia política, influenciado pelos comerciantes guineenses, referenciando o valor em deslocamento. Para Freud e os fetichistas eróticos, algumas similaridades aparecem quando observamos o processo de “adoração” voltado a objetos e partes do corpo; Freud, no entanto, atribui a esta atividade caráter inconsciente, o qual explora no campo da psicanálise. Deslocamento e fixação montam o repertório da palavra fetiche ao transitar nas expressões que atribuem (ou não) valores e significados.

5. CAPÍTULO 2

O BDSM

O BDSM surge com este nome em fóruns fetichistas cibernéticos norte-americanos nos anos 90, como um acrônimo representativo para as práticas de *Bondage & Disciplina*; *Dominação & Submissão*; *Sadismo & Masoquismo*. Para melhor pensar as práticas, entendamos, primeiro, como se estruturam as palavras que compõem o acrônimo e seus significados. O *Bondage* consiste na restrição dos sentidos e pode ser praticado de diferentes maneiras, sendo as mais comuns as vendas, para a restrição da visão, e o *shibari*, técnica japonesa que utiliza cordas para conter os movimentos corporais. Também está incluso no *Bondage* o *breathplay*, cuja finalidade é deixar sem ar, normalmente, bloqueando as vias aéreas do praticante, em geral submisso, seja com o corpo, ordens ou objetos que cumpram este fim. Práticas que buscam dominar a fala ou a boca frequentemente utilizam das *gags*, palavra que, no português, traduz-se para “engasgo” e são objetos que podem conter características morfológicas muito variadas, dependendo de qual for seu fim, contudo, tem sempre algo em comum: “engasgar” a fala. A *Disciplina* se refere aos gestos disciplinares, às regras e às punições, bem como o treinamento de um submisso (SHAKTI, 2008). A *Dominação* e a *Submissão*, ou D/S, qualificam a assimetria de poder, assim como a troca deste entre os indivíduos numa cena ou num relacionamento. É o poder que diferencia o fetichismo do BDSM, pois fetichismo e suas práticas não exigem que haja poder em deslocamento e isso define a dinâmica seguida para que se crie vínculo com a comunidade. O *Sadismo* e o *Masoquismo*, podendo aparecer como SM, S/M ou apenas sadomasoquismo é, muito provavelmente, o par mais popular do acrônimo, principalmente para os não praticantes. Os chicotes, palmatórias, agulhas, facas e mais tudo que possa gerar dor, humilhação e prazer, são abarcados pelas letras.

Tais práticas, conduzidas pelo SSC (São, Seguro e Consensual) e nomeadas *plays*, são brincadeiras, atuações de assimetria de poder no ambiente erótico e que buscam estimular, física e emocionalmente, seus praticantes a fim de gerar prazer:

Nesse caso, as práticas e disposições estão envoltas em uma processualística que tenta abstrair a vulnerabilidade (seja dos corpos que são feridos ou ainda pelos jogos de dominação) e dar total centralidade ao consentimento. (GREGORI, 2016)

Entretanto, as práticas não necessariamente indicam sexo, sendo, muitas vezes, inclusive, classificadas por seus praticantes como "sexo sem sexo" (SILVA, 2018). O central nestas dinâmicas eróticas é o poder, que pode ser referenciado de inúmeras maneiras. A marca bélica na cultura estadunidense se expressou na origem do BDSM no pós-guerra, a partir da mimese do militarismo com o Movimento *Leather*, que remontava, estética e sentimentalmente, o período vivido por militares e ex-militares na segunda guerra (SILVA, 2018). A sexualidade, diante de tantos instrumentos e representações de poder, reage enquanto "brincadeira": as *plays* vividas no fetichismo *BDSM* utilizam tais representações para sua constituição como atividade erótica de assimetria de poder. A igreja, o trabalho, os pais, os professores, o Rei e a Rainha, o poder militar e tantas outras figuras que simbolizam poder, estão incorporadas no *BDSM*.

É preciso lembrar que as variadas alternativas sadomasoquistas, em cenários norte-americano, tiveram destaque e participaram ativamente dos contenciosos políticos de diferentes posições feministas, do movimento lésbico e do gay. (GREGORI, 2016)

Tais representações são percebidas como maleáveis, suscetíveis à mutação e até mesmo paródia: "as tensões são escrupulosamente ativadas como para afastar a verossimilhança, expondo a armação contingente que trama o poder." (GREGORI, p. 171). A maleabilidade dos símbolos indica que o poder e quem o detém não são naturais, mas socialmente condicionados, o que o *BDSM*, por sua vez, reflete, compreende e refaz: dor virando prazer, anorma substituindo norma.

Além disso, ao lidar com a sexualidade nas suas expressões eróticas, estamos diante de experiências que mobilizam fantasias e fantasmas: situações, referências, imagens, fragmentos de memória e sensações que, mesmo sendo gestados em torno e no campo das normas, apontam para além delas. As fantasias não são o oposto da realidade. (GREGORI, 2016)

Nos anos 60, também nos Estados Unidos, lésbicas feministas e sadomasoquistas descrevem uma relação conflituosa com o movimento feminista liberal. O Samois, uma organização *BDSM* de feministas lésbicas fundada em 1978, publicou, até 1983, diversos livros acerca da temática *BDSM* entre lésbicas, cujo conteúdo variava entre textos acadêmicos, relatos pessoais e até mesmo contos eróticos e fotografias pessoais das membras. Em *Coming to power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*, publicado em 1981 e organizado pelo grupo, Califia

elabora que, na retórica feminista, o SM existiria apenas como uma metáfora para as iniquidades sociais presentes no patriarcado. Simultaneamente, a ideologia feminista se espalhava a mulheres em diferentes espaços: bordéis sadomasoquistas, bares *leather* e redes privadas de “sapatonas” sadomasoquistas, aponta a autora. Neste período, viu-se emergir autoras feministas lésbicas e praticantes de SM, exercendo força contrária ao movimento feminista, que as classificava como “reprodutoras das opressões de gênero” e mulheres em quadro psiquiátrico, o que, posteriormente, levou-as a “confrontos face-a-face” (tradução própria, CALIFIA, 1987). Neste cenário, vê-se repetir a tendência de perceber o BDSM como uma prática estritamente hétero, refletindo perspectivas restritivas quanto a outros esquemas sexuais, forçando a imagem masculina e a ordem heterossexual a relacionamentos que negam o “macho”.

No Brasil, os grupos e clubes BDSM popularizam-se por volta dos anos 1980. No Rio de Janeiro, no mesmo período, praticantes produziam jornais, estes que contavam com características muitíssimas semelhantes aos jornais baunilha, inclusive com uma seção de classificados na qual submissos se ofereciam a servir principalmente as Dominadoras. Na literatura recente, Gregori elabora estudos ao redor não apenas das práticas fetichistas BDSM, como também analisa etno, socio e economicamente aqueles que compõem o grupo e sua constituição a partir das práticas sociais. O poder faz-se central em seu estudo ao condicionar muitos de seus resultados, demonstrando força sobre seu objeto. O deslocamento, elemento caracterizante do fetichismo, seja ele qual for, aparece frequentemente, como para retificar seu potencial transitório nas práticas, nos símbolos e nos objetos. No BDSM, remontam-se os aparelhos sociais de poder eroticamente, onde perigo e prazer se mesclam, evidenciando as assimetrias de gênero, etnia, idade, classe social, e nacionalidade (GREGORI, 2016). A autora identifica, ao visitar os bares e festas, que a comunidade é heterogênea quanto as identidades dos praticantes.

Nas pesquisas referentes a saúde coletiva, Silva constrói “netnograficamente” estudos quanto ao comportamento dos fetichistas BDSM no cyberspaço ao explorar suas atividades na virtualidade. Segundo a pesquisadora, os blogs e sites referentes ao tema compreendem debates importantes não apenas sobre as práticas possíveis ao universo BDSM, mas sobre a identidade e a autoaceitação. Parece haver, entre os adeptos, uma parceria muito sólida baseada em trocas de experiências, busca por parceiros, diálogo e saberes. A apresentação de si mesmos e os cuidados com o corpo integram-se ao estilo de vida BDSM, formando o que Gregori define como “erotismo politicamente correto”: "Nesse caso, as práticas e disposições estão envoltas em uma

processualística que tenta abstrair a vulnerabilidade (seja dos corpos que são feridos ou ainda pelos jogos de dominação) e dar total centralidade ao consentimento." (GREGORI, 2016).

Nesta esquematização, o olhar dos adeptos “sérios” deve ser crítico quanto a possíveis violências. A função das palavras de segurança é definir o fim de uma sessão, play ou prática e, por tê-la nas mãos, o submisso é quem determinará seus limites. Contudo, a tentativa de superar aos próprios limites, sejam estes físicos ou psicológicos, é estimulada e comum ao grupo, seguindo sempre o princípio SSC. O intuito, aqui, é maximizar e impulsionar os prazeres, enquanto, simultaneamente, busca-se minimizar os riscos que rodeiam tais práticas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das elaborações anteriormente expostas, nota-se que o fetichismo BDSM ocupa, com as possibilidades e contingências que regem nossas sociedades, um espaço marcado pelas tensões entre violência e vontade, equilibrando-se nas fronteiras em que prazer e perigo colidem-se, formando, assim, uma sub-cultura que, a partir de seus costumes linguísticos, relacionais, estéticos e ideológicos, transgride as normas e cria seus próprios mecanismos para manter-se sólida, apesar das intervenções que a cercam. O poder e as normas, produtos de nossa sociedade, moldam o BDSM, que não poderia existir se a centralização do poder não existisse e, com isso, pudesse ser modificada: "Essas práticas põem em perigo as configurações normativas, que, ao serem empregadas como convenções eróticas, tendem a desnaturalizar e retirar o sentido essencialista que recobre a noção socialmente difusa de desejo sexual." (GREGORI, 2016).

O BDSM, como aqui apresentado, nega o essencialismo sexual presente na medicina, na psiquiatria e no senso comum, evidenciando que a sexualidade deriva da vida social e da cultura, e não apenas da biologia, o que desestabiliza as intervenções e processos de psiquiatrização, que reconhecem-na, apenas, como quadro psicopatológico; independente e livre das imposições, normas e configurações sociais (RUBIN, 1984). As práticas presentes no BDSM mobilizam, na fantasia e na realidade (se é que são assim tão distantes), o reconhecimento das práticas sociais como conceitos e matérias maleáveis e suscetíveis a reajustes, demonstrando que não há naturalidade, por exemplo nas configurações capitalistas, patriarcais, racistas e geracionais.

Trata-se de um conjunto de situações sociais, extremamente ricas para reflexão, em que está presente a noção de que, ao aprender e seguir aquelas normas práticas, o que poderia ser visto como violência passa a ser sentido como prazer. (GREGORI, 2016)

Subvertendo e revivendo o modo como o poder se expressa socialmente, o BDSM desenvolve e ocupa um espaço marcado pela superação e reinterpretação do "comum", evidenciando que as marcas sociais são, também, as produtoras do que o BDSM integra ao seu estilo de vida. O modo reducionista e estigmatizante com que a medicina, a mídia de massas e a moral pensam as sexualidades dissidentes potencializam sua caracterização enquanto perversão,

desqualificando os praticantes, as práticas e os diálogos neste circuito, regulando as percepções moralistas e impositivas com relação a comunidade, com a influência das normas de gênero, raça, classe e sexualidade.

7. REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *A história da Sexualidade I*. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, 13 ed.
- GREGORI, M. F. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*. Boitempo Editorial, 2019.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Capítulo 1. Livro I. Volume I. São Paulo: Nova Abril Cultura. 1985.
- LEITE JR, Jorge. *Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo*. Relatório final da bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000.
- SHAKTI, A. *Dicionário de Fetiches e BDSM*. Sumaré (SP): Matrix, 2015.
- SILVA, V. L. M. da. *Sob a égide do chicote: uma leitura do amor na contemporaneidade*. Curitiba: Appris, 2018.
- SILVA, Vera Lucia Marques da. *Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 3309-3318, 2018.
- SILVA, Vera Lucia Marques da et al. *A Psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de doenças mentais*. 2016.
- BRAME, William; BRAME, Gloria; JACOBS, Jon. *Different loving: A complete exploration of the world of sexual dominance and submission*. Villard, 1996.
- DULLEY, Iracema. *O FETICHE EM TRADUÇÃO: FEITIÇO, FEITICISMO, UMBANDA, OWANGA*.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- AZEVEDO, Adriana et al. *Pensamento feminista hoje: Sexualidades no sul global*. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista latinoamericana de psicopatología fundamental**, v. 12, p. 379-386, 2009.

Samois. *Coming to power*. Boston: Alyson Publications; 1987

FREUD, Sigmund; SALOMÃO, Jayme. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição 'Livros do Brasil', 1997.

MATORY, J. Lorand. Marx, Freud, e os deuses que os negros fazem: a teoria social europeia e o fetiche da vida real. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, p. e339701, 2018.

MCCLINTOCK, A. *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade*. *Cadernos Pagu*, n. 20, p. 7-85, 2003.